

A revolução traída: olhar de Trotsky sobre a degeneração do partido bolchevique e do estado operário soviético

The betrayed revolution: Trotsky's look at the degeneration of the Bolshevik party and the Soviet workers state

João Paulo Ferreira*

Resumo

O presente artigo se debruça sobre a degeneração do Estado soviético e do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) a partir da análise de Trotsky em *A revolução traída*, apoiando-se em estudos historiográficos já realizados sobre o assunto e temas relacionados. O texto de Trotsky é encarado, aqui, não somente como fonte primária, mas também um importante estudo que contribui para a caracterização e análise do regime soviético, da burocracia stalinista e da traição da revolução, o que fornece um olhar, a priori, marxista e militante desses processos, como ficará evidente durante todo o desenvolvimento textual. Objetiva-se, com isso, oferecer uma contribuição aos estudos sobre Revolução Russa e União Soviética, resgatar a perspectiva de Trotsky – que se estende ao trotskismo – e romper com a noção de que a construção do socialismo na URSS seja uma mera aplicação prática da teoria marxista para consolidar as bases de um novo regime social, senão uma forma contextualizada, contraditória, histórica e problemática pela qual a experiência soviética passou.

Palavras-chave: burocracia; degeneração; oposição; Stalin; Termidor

Abstract

The present article focuses on the degeneration of the Soviet state and the Communist Party of the Soviet Union (CPSU) from Trotsky's analysis in *The betrayed revolution*, drawing on historiographical studies about the subject and related themes. Trotsky's text is viewed here not only as a primary source, but also an important study that contributes to the characterization and analysis of the Soviet regime, the Stalinist bureaucracy and the betrayal of the revolution, which provides a Marxist and militant view of these processes, as will be evident throughout the textual development. This aims to provide a contribution to studies on the Russian Revolution and Soviet Union, to rescue Trotsky's perspective – which extends to Trotskyism – and break with the notion that the construction of socialism in the USSR is a mere practical application of Marxist theory to consolidate the foundations of a new social regime, but a contextual, contradictory, historical and problematic form which the Soviet experience went through.

Keywords: bureaucracy; degeneration; opposition; Stalin; Thermidor

* Graduando em História Licenciatura pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e membro voluntário do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trotsky / Trotskismo e a Historiografia (UFF). E-mail: joao.2139118@discente.uemg.br.

Introdução

As origens, os percalços e o legado da construção do primeiro Estado socialista da história, no sentido devotado pelo marxismo, principalmente por Marx, Engels e, nesse contexto, Lenin, não simplesmente polarizam os debates, mas os multiplicam em vários eixos com visões particulares dos processos históricos. As percepções sobre a Revolução de Outubro, o socialismo, o bolchevismo e a URSS, nesse prisma, também são amplas e incidem sobre compreensões e conclusões variadas, em grande parte reflexos de disputas políticas que se estendem ao mundo contemporâneo.

O presente artigo traz a visão de Trotsky¹ contra a degeneração e a burocratização do partido bolchevique e do Estado soviético por meio da análise de uma de suas principais elaborações teóricas, *A revolução traída*, escrita em 1936, década de consolidação do stalinismo e maior maturidade intelectual de Leon Trotsky. Esse livro trata do conteúdo mais detalhado de Trotsky sobre a União Soviética e o stalinismo, o que condiz com o que Romão e Monteiro (2020) afirmam sobre essa fase de seu pensamento ter sido a de “amadurecimento” político e intelectual, após vários anos de estudos, discussões e combates. O exame que Trotsky faz no livro condensa, sintetiza e revisa reflexões e posições político-intelectuais acumuladas até 1936, ano de sua primeira publicação. A escolha desse material, portanto, não busca ofuscar toda a produção anterior de Trotsky, e sim facilitar o processo de análise documental e contextual e escrita do artigo a partir de uma rica obra de síntese.

Nesse prisma, o texto discutirá o processo de degeneração do regime soviético a partir de três eixos: o primeiro, que não aparece tão exposto no livro, trata da revolução e seus obstáculos, do burocratismo e dos primeiros embates entre a oposição e a crescente camada burocrática; os outros dois, detalhadamente descritos durante a obra, tratam, primeiro, da ascensão e da consolidação de Stalin² e do “Termidor soviético” após a derrota da Oposição Unificada e da ala direitista de Tomsy, Rikov e Bukharin, e, segundo, da política externa soviética e a adaptação ao *status quo* do sistema internacional de Estados. Pretende-se, a partir deste artigo, realçar a importância de estudar o pensamento de Trotsky para compreender as disputas e contradições sociais e políticas que surgem ao longo da formação do Estado soviético e os impactos que tiveram no comunismo internacional e em eventos históricos importantes. Para tais propósitos, o artigo também se apoia em estudos historiográficos fundamentais sobre a história da URSS, do partido bolchevique e da vida e pensamento de Trotsky.

1. As dificuldades da revolução e as origens do burocratismo

Os primeiros anos após a Revolução Russa lograram várias conquistas para trabalhadores, mulheres, grupos nacionais e outros segmentos, à custa do histórico atraso material e cultural legado pelo Estado czarista. Eram os primeiros anos da primeira experiência histórica de um Estado em transição para o socialismo, que rompeu com o original prognóstico marxista de que uma revolução socialista começaria nos países capitalistas centrais, onde se concentram as atividades comerciais e industriais mais avançadas e que criam forças centrípetas em relação ao mundo. Portanto, uma revolução em um país central do capitalismo – entre a metade do século XIX e início

¹ Liev Davidovich Bronstein (1879-1940).

² Joseph Vissarionovich Dzhugashvili (1878-1953).

do século XX, podemos lembrar de países como Inglaterra, França e Alemanha – levaria a uma transformação na correlação de forças internacional e promoveria levantes revolucionários em nível mundial.³ Atualmente, essa lógica, no marxismo, não necessariamente foi abandonada, e ainda tem grande aderência, mas a Revolução Russa deu o diagnóstico contrário: a revolução começou, nos dizeres de Trotsky, não no elo mais resistente, mas no elo “mais fraco do capitalismo”. (Trotsky, 1980, p. 37)

Por si só, isso implicava uma dificuldade extrema para a sobrevivência da revolução na Rússia, e o curso dos anos pós-revolucionários provou a gravidade dessas dificuldades históricas. Em primeiro lugar, a construção do socialismo seria uma tarefa dificultada pela inexistência de um conteúdo teórico dedicado à organização política, social e econômica do comunismo. É certo que comunistas como Marx, em *A guerra civil na França* (2015), e Lenin, em *O Estado e a revolução* (2017) refletiram sobre as bases e as etapas da sociedade comunista, embora fosse impossível prevêê-las. A exemplo de Marx, observando com grande admiração a revolucionária Comuna de Paris (1871), denuncia o caráter do Estado enquanto uma organização de classe e descreve os avanços sociais conquistados pela auto-organização dos trabalhadores da Comuna, entre eles: transformação da polícia em membro da Comuna; criação de uma Guarda Nacional, em substituição ao exército permanente; remuneração dos funcionários públicos com “salários de operários”; eleição de conselheiros municipais, cujos cargos eram revogáveis a qualquer momento; expropriação do poder eclesiástico – na forma de corporação proprietária –; universalização da educação. (Marx, 2015) Lenin, em agosto de 1917, ou seja, dois meses antes da Revolução de Outubro, retoma as disputas e reflexões teóricas elaboradas por Marx e Engels e expõe as tarefas do proletariado quando chegasse ao poder, divididas em duas etapas: uma de transição, isto é, a “primeira fase da sociedade comunista”, e outra, de afirmação, a “segunda fase da sociedade comunista”. (Lenin, 2017)

A realidade foi bem mais cruel e exigente do que imaginavam Marx, Lenin e qualquer outro marxista. Sair de uma sociedade ao ponto de poder ser considerada já antiquada, para uma nova realidade, não só traz consigo toda a dificuldade de reflexão,

³ Não pretendemos dizer que tal formulação se tratava de uma lei histórica desenvolvida por Marx e que foi refutada pela história, ou seja, que o pensamento de Marx redundou em um fatalismo histórico que previa necessariamente o início da revolução na Europa Ocidental – embora fosse uma antecipação válida, dado que as contradições do modo de produção capitalista aparecem de modo antecipado onde ele se encontra mais desenvolvido, e justamente por isso, e pelo fato de ser o elo mais forte do capitalismo global, uma revolução na Europa ocasionaria impactos significativos no restante do mundo. Essa questão foi discutida também no século XX. O próprio Trotsky, em sua teoria da revolução permanente, defendendo o internacionalismo proletário contra o “socialismo em um só país” de Stalin, coloca essa questão na fase imperialista do desenvolvimento capitalista, admitindo que, para que o socialismo na URSS seguisse seu desenvolvimento, era necessário que a revolução acontecesse também na Europa Ocidental. Ver *A revolução e o proletariado* em Trotsky (2010, p. 72). Na década de 1880, Marx, em correspondência com Vera Zasulich e outros militantes russos, acompanhando a situação da luta de classes na Rússia, admite a possibilidade de a revolução começar no Oriente e que, no caso russo, somente uma revolução seria capaz de salvar a comuna russa e de desenvolvê-la como “[...] como elemento regenerador da sociedade russa e como elemento de superioridade sobre os países subjugados pelo regime capitalista”. (Marx, 2011)

como, no momento em que partiria para seu teste prático, provaria toda sua complexidade. O fato de a primeira revolução socialista vitoriosa estourar justamente no decadente e atrasado Império Russo apenas jogou mais lenha na fogueira. Logo em 1918, e até 1921, estoura uma sangrenta Guerra Civil na Rússia, encarada pelos bolcheviques como uma reação imperialista partindo de várias potências estrangeiras para derrotar o estado operário. O desastre foi tamanho que Broué (2014) propõe que, na Rússia, em 1921, já não existia mais proletariado no sentido marxista do termo, apenas uma massa de operários miseráveis e desclassados. O mesmo historiador aponta alguns dados que denunciam a catástrofe social: quarenta capitais de províncias perdem grande parte da população – Moscou, por exemplo, perdeu 44,5% – devido à fome; o número de operários industriais decresce; em algumas empresas, metade da produção é imediatamente revendida pelos operários; surgem vários levantes, como na Sibéria, em Petrogrado e na Ucrânia; vários casos de canibalismo ocorreram. (Broué, 2014)

Uma das consequências mais imediatas desses eventos foi a forte centralização do partido bolchevique como administrador da política e da economia. Reis (2017) considera, porém, que a centralização bolchevique não derivou antes das dificuldades impostas pelo contexto e pela guerra, mas sim de uma tendência ditatorial que já se expressara durante a supressão da Assembleia Constituinte e na assinatura do Tratado de Brest-Litovski, atingindo um marco sem precedentes com a repressão aos rebeldes de Kronstadt em 1921. Não obstante, esses eventos não foram o suficiente para comprovar que a centralização partidária bolchevique tenha sido resultado, antes de tudo, de um “querer poder” do que de manobras realizadas para superar todas as sérias objeções impostas. A transição do “comunismo de guerra” para a NEP, em 1921, é um importante marco referencial nesse sentido, embora os erros e métodos dos bolcheviques não possam passar ocultos pelos fatos. Mas é verdade que, já em 1919, no *Esboço do programa do partido* apresentado ao VIII Congresso, Lenin demonstrou que o antigo otimismo com a superação de um aparelho burocrático-administrativo transformou-se em pessimismo pelo fato de os bolcheviques não sobreviverem sem ele, alertando que, portanto, a luta contra a burocracia continuaria. (Rodrigues, 2009)

Os riscos do burocratismo começam a aparecer com mais força ainda a partir de 1922, período no qual Lenin, o principal dirigente bolchevique, trava um forte combate contra a degeneração do estado operário e do partido. Ainda entre 1920 e 1921, no seio do debate sindical, Lenin propunha que os sindicatos fossem organismos de defesa e prevenção dos trabalhadores contra os perigos burocráticos do Estado. Assim, os sindicatos seriam mecanismos de representação e gestão da classe operária que, além de se prevenir das ameaças burocráticas que pudessem afetar sua autonomia, seriam instrumentos de controle dos próprios trabalhadores sobre a degeneração partidária. Ainda no mesmo período, Lenin propôs a criação de outros organismos de controle contra a burocracia, como a Inspeção Operária e Camponesa e a “proletarização” do partido, que, nas palavras de Rodrigues (2009), não passaram de outras medidas burocráticas. Com efeito, ao final de 1922 a Inspeção Operária e Camponesa, chefiada por Stalin, havia se transformado em um órgão perfeitamente burocrático. O argumento de Rodrigues (2009), não obstante, serve para justificar sua tese segundo a qual a disputa de Lenin contra a burocracia se voltava contra si mesmo por ter sido o articulador *a priori* do processo de burocratização do partido. Por exemplo, Rodrigues se refere ao *Relatório político do CC ao XI Congresso* de forma com que uma interpretação descuidada da posição de Lenin comprove que, para o dirigente bolchevique, o poder

do partido, isto é, da vanguarda da classe, se estenderia ao conjunto do proletariado e que, por conseguinte, o Estado era o partido – em outras palavras, a classe operária representada pelo partido. Tomemos como exemplo o trecho que é mencionado em seu artigo: “O Estado é a classe operária, é a parte mais avançada dos trabalhadores, é a *vanguarda*. Nós somos o Estado”. (Lenin *apud* Rodrigues, 2009, p. 84; ênfase adicionada) Em outro trecho, de um texto intitulado “Sobre os sindicatos”, de 30 de dezembro de 1920, Lenin⁴ diz o seguinte:

a ditadura do proletariado não pode ser exercida através de uma organização que abrange o conjunto dessa classe [os sindicatos, no caso] [...] ela somente pode ser exercida por uma vanguarda que tenha absorvido as energias revolucionárias da classe [...]. Tal é o mecanismo básico da ditadura do proletariado e a essência da transição do capitalismo para o comunismo. (Lenin *apud* Rodrigues, 2009, p. 84-85)

Nos trechos supracitados, o líder bolchevique comenta que a ditadura do proletariado, que coincide com a etapa de transição para o socialismo e da expropriação e repressão da burguesia enquanto classe rumo à sociedade comunista, deveria ser exercida pela vanguarda da classe operária, isto é, de seus setores mais conscientes e com mais experiências e energias revolucionárias construídas desde as lutas antes da vitória da Revolução de Outubro. Lenin se refere, portanto, aos elementos de liderança do proletariado, àqueles setores mais avançados em termos de teoria e prática. Em nenhum momento ele identifica essa vanguarda ao partido bolchevique. Se ele pensava que o partido equivalia a essa vanguarda mais experiente e consciente que deveria tomar as rédeas da ditadura do proletariado, é outra questão; mas Lenin evidentemente não afirma a ditadura de uma minoria privilegiada que governa burocraticamente identificando-a com a camada mais avançada do proletariado. Em defesa de Lenin, Trotsky argumenta em favor da tese contrária:

Os sonhadores reacionários desaparecem pouco a pouco, é necessário acreditá-lo. Sovietes arquidemocráticos se encarregariam perfeitamente dos “minúsculos especuladores” e dos “mexeriqueiros”. “Não somos utopistas”, replicava Lenin em 1917 aos teóricos burgueses e reformistas do Estado burocrático, “de modo algum contestamos a possibilidade e a inelutabilidade de excessos cometidos por *indivíduos* e, igualmente, a necessidade de reprimir esses excessos. Mas, para isso, não é de maneira nenhuma preciso um aparelho especial de repressão; o povo armado bastará e com tanto desembaraço e facilidade quanto uma multidão civilizada separa homens prestes a brigar ou não deixa insultar uma mulher”. (Trotsky, 1980, p. 79)

Na verdade, o curso dos debates e das disputas, dentro e fora do partido, é ainda mais complexo que uma suposta luta superficial de Lenin contra sua própria criação, a burocracia.⁵ Por outro lado, é verdade que a proibição de outros partidos e frações

⁴ Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924).

⁵ Na obra *O último combate de Lenine*, Moshe Lewin explora a fundo a batalha que Lenin travou contra as tendências burocratizantes do partido e do Estado. Mesmo admitindo uma contradição na prática explícita em propostas de reformas superestruturais do aparelho, apontando para um sentido elitista de administração, Lewin enfatiza que Lenin antecipou os perigos que ameaçavam o regime soviético e tinha como objetivo principal protegê-lo das ameaças externas e internas. O historiador vai além e sugere que Lenin, ao contrário da associação que geralmente é feita entre ele e Stalin, teria combatido e não apoiado o regime stalinista. Ver Lewin (2021, p. 99-107).

durante o X Congresso, os expurgos do partido e dos organismos de Estado, a perda de autonomia dos soviets como mecanismos de autogestão etc. contribuíram para uma espécie de monolitismo partidário e concentraram as disputas no interior do partido bolchevique. Essas condições prepararam terreno para a consolidação da burocracia e a ascensão de Stalin e do stalinismo. Em 1922, ocorre o primeiro choque entre Lenin e Stalin, quando este, responsável pela questão nacional, propôs a formação de uma república federal que incluísse Geórgia, Azerbaijão e Armênia à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O plano de Stalin foi aprovado pelo Comitê Central do partido russo e os georgianos foram obrigados a aceitar, mediante repressão. Lenin se posicionou a favor dos georgianos e chegou a dizer a respeito de Stalin:

O georgiano que contempla com desdém este aspecto do assunto, que profere depreciativas acusações de “social-nacionalismo” (quando ele mesmo não somente é um verdadeiro e autêntico “social-nacionalista”, mas também, além disso, brutal policial grão-russo), este georgiano, ataca, na verdade, a solidariedade de classe proletária. (Lenin *apud* Broué, 2014, p. 170)

No dia 15 de dezembro de 1922, Lenin redige um “testamento” que será publicado apenas em 1925, um ano após sua morte, sob os cuidados de Max Eastman. Os dirigentes russos o denunciaram como falso, mas foi confirmado em 1956 por Khrushchev.⁶ “Neste documento, Lenin comenta as qualidades e defeitos dos principais dirigentes bolcheviques, prevê a possibilidade de um conflito entre Stalin e Trotsky e recomenda que se tente evitá-lo, sem sugerir, no entanto, solução alguma”. (Broué, 2014, p. 168-169) Porém, no mesmo documento, Lenin chega a propor que Stalin seja afastado do cargo de secretário-geral do partido e, na mesma época, propõe a Trotsky um bloco contra a burocracia e que ficasse encarregado de travar uma batalha política durante o XII Congresso (1922).

2. O partido depois de Lenin: oposição e a ascensão do “Termidor soviético”

É a partir de 1923 que Trotsky passa à ofensiva contra a burocratização do partido. Embora, inicialmente, não se opusesse ao Birô Político, endurece suas críticas contra o burocratismo e a defesa pelo restabelecimento da democracia partidária. Na ocasião, Stalin, Kamenev⁷ e Zinoviev⁸ se articulavam de modo secreto e formaram uma *troika* em preparação ao XII Congresso para combater as posições de Trotsky na discussão sobre a crise das tesouras. (Broué, 2014) No início, Trotsky chegou a apoiar a *troika*, mas a moção de Dzerzhinski⁹, chefe da GPU, o fez mudar de atitude. Em uma carta de 08 de outubro de 1923 endereçada ao Comitê Central, ele dizia:

[...] a burocratização do aparato do partido se desenvolveu em proporções inéditas, devido ao método de seleção utilizado pelo Secretariado. Surgiu

⁶ Nikita Serguêievitch Khrushchev (1894-1971).

⁷ Lev Borisovich Kamenev (1883-1936).

⁸ Grigori Evséievitch Zinoviev (1883-1936).

⁹ Durante o verão de 1923, a URSS passou por grave crise econômica, greves e manifestações de ruas, principalmente de grupos opositores, todos reprimidos pela GPU, a polícia secreta fundada por Dzerzhinski. Segundo Broué (2014), foi a solicitação feita por Dzerzhinski ao Birô Político, para que os membros do partido denunciassem à GPU qualquer atividade suspeita, que convenceu Trotsky da gravidade da situação e a ingressar de vez na luta oposicionista.

uma ampla camada de militantes que, ao introduzirem-se no aparato governamental do partido, renunciavam por completo às suas próprias opiniões dentro da organização ou, ao menos, de sua manifestação pública, como se a hierarquia burocrática fosse a grande responsável por formar a opinião do partido e tomar suas decisões. (Trotsky *apud* Broué, 2014, p. 177)

Segundo Aleksandr Podtchekoldin (1994), essa carta de Trotsky, conhecida como *O novo curso*, revitalizou uma intensa batalha no seio do partido pela sua democratização partindo da crítica ao sistema de direção, à política de nomeações e ao afastamento dos dirigentes em relação à base, elementos que fizeram surgir uma hierarquia burocrática no partido. Uma semana depois, no dia 15 de outubro de 1923, é enviado um novo documento ao Birô Político intitulado *Declaração dos 46*, assinado por 46 militantes que retomam as críticas feitas por Trotsky e alegam que o partido vinha se tornando um “regime de ditadura fracional”. (Podtchekoldin, 1994, p. 70)

Em um primeiro conflito entre os dirigentes e Trotsky, o Birô Político acusou-o de ser partidário do “tudo ou nada” e um oportunista ambicioso. Em um segundo conflito, que ocorreu durante uma sessão plenária do Comitê Central e da Comissão Central de Controle entre 25 e 27 de outubro, Preobrazhenski respondia pela oposição de esquerda enquanto Trotsky estava ausente. A ausência deste não impediu que o BP o acusasse de fracionalismo.

O mês de dezembro de 1923 é ainda mais fervoroso e as discussões no *Pravda* entre os dirigentes e os oposicionistas ocorrem com os nervos à flor da pele. O primeiro argumento *ad hominem* de Stalin contra Trotsky surgiu em um texto publicado no *Pravda* em 15 de dezembro, onde o acusa de “duplicidade” e os oposicionistas de “mencheviques infiltrados” com seus “costumes oportunistas”. Em uma assembleia do dia 15 de dezembro em Petrogrado, a intervenção de Zinoviev mostrava que o perigo do “trotskismo” já parecia retumbante para os líderes do partido. (Broué, 2014) Embora a direção do partido, após os documentos de 1923 dos oposicionistas, tenha feito concessões formais e aberto debates sobre as “estruturas do partido” – meras formalidades e compromissos táticos, já que a própria resolução tomada pela direção após a publicação do artigo de Zinoviev¹⁰ no *Pravda* nunca foi adotada na prática (Podtchekoldin, 1994), não demoraria muito, porém, para que os dirigentes bolcheviques comesçassem a adotar posturas antidemocráticas e tomassem cada vez mais para si o controle sobre a imprensa e que suas posições nas reuniões, nos congressos e assembleias dominassem as atas e resoluções. O III Congresso do Partido (em janeiro de 1924) encerrou os debates do novo curso e condenou as ações dos oposicionistas como fracionais e desvios dos princípios leninistas e bolchevistas. Preparava-se, assim, o caminho para o “Termidor soviético”.

Após a morte de Lenin, em 1924, o partido ingressou em uma fase de contradições e incertezas sem precedentes. Embora a morte do principal líder bolchevique não tenha sido o elemento causal primário que tenha feito Stalin e companhia se apropriarem da máquina partidária e das instituições do Estado, ela teve peso relevante para

¹⁰ Trata-se do artigo *As novas tarefas no partido*, publicado em 07 de novembro de 1923. O texto concordou com os pontos dos oposicionistas e suscitou novos debates. A direção do partido, entendendo que não havia como ignorar as questões sobre a burocratização e a democracia interna, optou, taticamente, por ceder certas concessões aos oposicionistas, como a publicação d’*O novo curso* no *Pravda*. Ver Podtchekoldin (1994, p. 65-72).

o futuro do partido e da sociedade soviética. O último combate de Lenin, contra Stalin e a burocratização, já supracitado, anunciava um novo período de turbulências, disputas e calúnias até a consolidação de um regime que perseguia, prendia, deportava e assassinava opositores. Em *A revolução traída*, Trotsky narra com detalhes as circunstâncias e consequências da vitória de Stalin e da burocracia, fatos que, segundo ele, não foram previstos, mas desenvolvidos de acordo com as manobras que essa camada do partido fez diante das situações:

O historiador da URSS não poderá deixar de concluir que a política da burocracia dirigente foi contraditória nas grandes questões e caracterizada por uma série de ziguezagues. A explicação ou a justificação destes ziguezagues pela “mudança de circunstâncias” é visivelmente inconsistente. Governar é, pelo menos numa certa medida, prever. A facção de Stalin de modo algum previu os inevitáveis resultados do desenvolvimento que, por várias vezes, a prostraram. Ela reagiu por meio de reflexos administrativos, criando a posteriori a teoria das suas reviravoltas, sem se inquietar com o que ensinara na véspera. (Trotsky, 1980, p. 63)

Além disso, a vitória dos dirigentes contra os opositores é atribuída não a seu grau de intelectualidade ou “inteligência”, pela batalha teórica travada nos congressos do partido ou pelo convencimento de seus argumentos, mas pelos interesses e pelo agrupamento de forças, de modo com que o nível de proximidade com as massas determina a conclusão da situação, enquanto o grupo mais perspicaz e justo – a oposição, na visão de Trotsky – marchava em direção à derrota. Com efeito, nos dias seguintes à adoção da resolução do dia 05 de dezembro pelo Birô Político¹¹, foram feitas várias assembleias gerais de bairro em Moscou para discuti-la. A oposição acompanha essas assembleias em apoio à resolução e aos pontos chave da carta de Trotsky, e consegue uma alta quantidade de votos entre células bolcheviques do Exército Vermelho, dirigentes das Juventudes Comunistas e em assembleias amplas celebradas em Moscou. Nas células de fábrica, porém, a situação se inverte: de 346, a oposição consegue vencer apenas em 67. Isso, para E. H. Carr, revela não só uma debilidade da oposição, mas também do próprio proletariado. (Carr *apud* Touissant, 2017)

A debilidade da oposição era um sinal verde para que a camada dirigente avançasse sobre ela com todas as forças. A direção decapitou-a nomeando membros dela para altos cargos diplomáticos, como a designação de Christian Rakovski para a Embaixada em Paris, além de enviar partidários opositores para a realização de tarefas em lugares distantes – como ocorreu com vários dirigentes do *Komsomol* – e demitir membros das funções de organização do Secretariado. Nos preparativos para a XIII Conferência, algumas semanas antes de sua ocorrência, a imprensa não publica mais

¹¹ A resolução de 05 de dezembro foi uma forma de o Birô Político se apropriar do texto de Trotsky sobre o “Novo curso” para tentar afastá-lo da oposição, após a publicação do artigo de Zinoviev em novembro de 1923 (ver nota 5). O conteúdo do texto provou aos dirigentes que Trotsky era um potencial e perigoso rival, o que justifica a manobra feita. Na carta por Trotsky ao Comitê Central, está colocada sua preocupação quanto às possibilidades reais de degeneração do partido por responsabilidade das camadas dirigentes, e propunha o restabelecimento da democracia interna como uma ruptura em relação ao passado. Os quadros dirigentes, pelo contrário, modificaram esse conteúdo se prostrando a favor da democracia como uma continuidade de sua política. Ver mais em Touissant (2023).

artigos da oposição, dando livre espaço para que os dirigentes tomassem a palavra nas colunas dos jornais.

Trotsky ainda aponta outro motivo para que a burocracia se fortalecesse: as derrotas da classe operária internacional em seus múltiplos focos, na Estônia, na Bulgária, na Inglaterra, na Alemanha, na China etc. minaram a confiança das massas na revolução mundial e deu poderes cada vez maiores à burocracia, que se sublevou como cão-guia do caminho da salvação e preparou as condições para que fosse desenvolvida a teoria do socialismo em um só país (explicaremos melhor adiante). Em poucas linhas, Trotsky resume a vitória da burocracia e a derrota da oposição:

A burocracia não venceu unicamente a oposição de esquerda: venceu igualmente o partido bolchevista, venceu o programa de Lenin, que apontava como perigo principal a transformação dos órgãos do Estado “de servidores da sociedade em senhores da sociedade”. A burocracia venceu todos os seus adversários – a oposição, o partido de Lenin – não com a ajuda de argumentos e de idéias, mas esmagando-os sob o seu próprio peso social. A retaguarda de chumbo se mostrou mais pesada que a cabeça da revolução. Esta é a explicação do Termidor soviético. (Trotsky, 1980, p. 68)

A partir de 1924, os Congressos do *Comintern* – a Internacional Comunista – passam a concentrar forças no ataque aos membros da oposição de 1923 taxando os oposicionistas – por mais que não tivessem relação direta com Trotsky, Preobrazhenski ou qualquer outro membro da oposição – de “trotskistas”. Mas antes de tratar desses processos com mais detalhes, referência que se encaixa mais perfeitamente no último tópico deste artigo, sobre a degeneração do *Comintern*, o abandono da revolução mundial e a “teoria do socialismo em um só país”, passemos à concretização da vitória de Stalin a partir de 1927.

Do controle sobre o aparato do partido, a facção de Stalin, seguida por Zinoviev e Kamenev, dirigiu seus esforços para garantir a unidade do partido e do Comitê Central, unidade essa que não significou outra coisa senão o monolitismo e o adestramento do conjunto à linha da direção. Segundo Trotsky (1980), alguns atalhos que favoreceram Stalin e seus aliados foram a expulsão e eliminação dos demais membros do aparato e o recrutamento de mais operários, empregados e funcionários no partido, que resultou na absorção de um material humano inexperiente e com falta de personalidade, assim como acostumado a obedecer aos chefes; esse foi o resultado de programas como a “promoção de Lenin”. Carr (1981) ainda aponta a aproximação simbólica com Lenin como tática de Stalin para legitimar sua autoridade, embora, para Deutscher (1968), ambos bandos partidários tenham tomado para si essa tática.

Entre 1925 e 1927, havia boas provas do poder que Stalin tinha conquistado, após obter vitória política sobre a Oposição Unificada. Essa contenda, para Deutscher (1968) e Broué (2014), foi uma das mais importantes e centrais na história do Partido Bolchevique e do comunismo internacional. Reunindo diversos dirigentes e nomes importantes da Velha Guarda em torno do mesmo programa e das principais disputas, como a antítese ao “socialismo em um só país” e a restauração da democracia interna do partido, incluindo os ex-triunviratos Kamenev e Zinoviev (isto é, os mesmos inventores do nome “trotskismo”), a Oposição de 1926-1927 foi uma das maiores reações de dentro do partido contra o processo de degeneração burocrática.

As primeiras aproximações começaram ainda em 1925, fruto dos debates durante o XIV Congresso. Para Broué (2014), os ataques e revelações de Trotsky em 1923 foram fundamentais para uma mudança drástica na atitude de dirigentes como Zinoviev e Kamenev: durante o congresso, o próprio Zinoviev acusou Stalin de promover golpes baixos contra Trotsky. Durante uma sessão do Comitê Central de abril de 1925, Kamenev e Trotsky coincidiram em várias emendas sobre política econômica, tornando-se o primeiro passo de tal aproximação. (Broué, 2014)

Embora seja questionável se Zinoviev e Kamenev realmente tenham reconhecido “erros” de 1923 (e tal reconhecimento tinha valor tático para a aproximação com Trotsky), os dois lados da posterior Oposição Unificada coincidem em pontos semelhantes: “[...] a aliança dos kulaks, nepmans e burocratas e a degeneração do partido sob a direção de Stalin e sua camarilha”. (Broué, 2014, p. 223) A unificação formal ocorreu apenas em 1926, durante uma sessão do Comitê Central em julho. A Oposição Unificada se organizou em torno das seguintes reivindicações: restauração da democracia interna do partido; aumento dos salários industriais; fim do imposto único (que prejudicava médios e pequenos camponeses); coletivização gradual do campo; industrialização rápida, dentre outros. Apesar das dificuldades de organização, muitas vezes ocorrendo clandestinamente devido à perseguição política da direção, o grupo conseguiu reunir entre 4 e 8 mil membros. (Deutscher, 1968)

Desde o início, a direção stalinista e bukharinista agiu buscando impedir a Oposição de difundir suas teses junto à base do partido e a grupos de operários. Em várias reuniões e assembleias, conta Deutscher (1968), militantes alinhados à direção faziam provocações, insultos e vaias aos opositores. Recorreu-se também à perseguição política e à violência física como recursos, obrigando os opositores a se organizar clandestinamente. A burocracia também lançou mão de estratégias de manipulação contra a Oposição, apropriando-se de suas teses para divulgar como suas, ou taxando-a como inimiga da paz e da estabilidade social – já que, segundo Deutscher (1968), as massas se encontravam fatigadas e desiludidas, contribuindo (em parte) para seu apoio a Stalin. Mediante essas e outras táticas, a Oposição foi derrotada em 1927. Stalin, ao longo desse processo, já apresentava amostras de seu perigo e poder pessoal, por exemplo, ao expulsar o opositor Ossovsky¹² do Partido, destituir Lashévich¹³ do CC e do cargo de vice-Comissão de Guerra e remover Zinoviev do Politburo.

A derrota oposicionista é decretada durante o XV Congresso do Partido Comunista (PCUS), ocorrido entre os dias 02 e 19 de dezembro, após o qual Stalin sai não só vitorioso, como ainda mais fortalecido. Na visão de Carr (1981), a derrota da Oposição Unificada foi o último obstáculo sério que, removido, colocou Stalin no caminho do poder absoluto. Trotsky, seu rival mais sério e perigoso, foi exilado em 1928 em Alma-Ata. Suas correspondências e atividades externas forçaram novos exílios: em 1929, para a Turquia e, em seguida, para a ilha de Prinkipo. Bastou sua expulsão para que Stalin desse início a uma política ultraesquerdista de coletivização forçada e industrialização acelerada, consagrados no famoso Primeiro Plano Quinquenal (aprovado em abril de 1929) que simbolizou um giro na política econômica soviética ao abandonar a NEP. (Reis, 2003) Para Trotsky (1980), a vitória da direção e a derrota oposicionista não se

¹² Não foram encontradas informações pessoais sobre Ossovsky.

¹³ Mikhail Mikhailovich Lashevich (1884-1928), militar soviético e líder partidário.

explicam pelo grau de intelectualidade, pela “inteligência”, pelos argumentos, mas pelos interesses e pelas forças, de acordo com a aproximação e concordância com as massas.

Restava, entretanto, ainda outra objeção – menos grave – que incomodava os planos do Termidor: a oposição de direita, cujos líderes eram Bukharin, Tomsy e Rykov. A tríade da ala mais à “direita” se uniu contra as políticas vigentes e apresentou suas divergências em uma reunião do Comitê Central em julho de 1928. Stalin procurou cada vez mais reduzir a influência desses oposicionistas e iniciou novas nomeações. A derrota política de cada um deles seguiu uma trajetória distinta: Stalin ficou sabendo dos planos secretos de Bukharin para criar uma coalizão opositora com Kamenev e, a partir disso, passou a tentar esmagá-lo e humilhá-lo, como ficou evidente no VI Congresso do *Comintern* em julho de 1928, até que ele saiu derrotado em novembro de 1928 durante uma nova sessão do Comitê Central; Tomsy, que insistia na luta contra a questão da industrialização, teve seu destino selado após a nomeação de Kaganovitch, militante stalinista, ao conselho sindical central que ele presidia¹⁴. Essa foi a trajetória da burocracia do partido para consolidar sua ditadura.

No entanto, o golpe fatal contra os oposicionistas ocorreu em meio ao cenário agitado em torno do VI Congresso da Internacional Comunista, que consolida uma guinada ultraesquerdista política e econômica da direção stalinista. O VI Congresso, entre outras questões, apropria-se de (e radicaliza) teses antigas dos oposicionistas, como a proposta de aceleração na industrialização (feita, pelos dirigentes, de forma forçada), e volta-se aos *kulaks* como os principais inimigos de classe. Tais discussões repercutem entre os oposicionistas, provocando novas dissensões e reveses. Vários quadros, nesse momento, rompem de vez com Trotsky e a plataforma oposicionista e alinham-se a Stalin, apoiando a virada ultraesquerdista da direção – um exemplo de destaque foi o acordo Radek-Preobrazhensky-Smilga¹⁵ que, juntos, redigem uma declaração rompendo com Trotsky e a Oposição. (Broué, 2007)

Passamos, agora, ao tratamento do “Termidor soviético” *em si*, entendido como consequência desses processos. A denominação “Termidor” é uma comparação que Trotsky faz entre a burocracia dirigente do partido bolchevique e os termidorianos durante a Revolução Francesa, que abandonaram o partido dos jacobinos e foram responsáveis pela queda do regime revolucionário, do período do “terror” e de Robespierre, contando com Napoleão Bonaparte entre seus membros, o futuro restaurador do império na França em sua figura. Existe uma razão bastante evidente que fundamenta essa comparação: os dirigentes soviéticos, em sua qualidade de agentes termidorianos da revolução, abriam uma incerteza sobre o futuro da URSS no sentido de que poderia avançar ao socialismo ou restaurar o capitalismo. Isso porque, para Trotsky, o regime

¹⁴ Ver *Padrões de ditadura* em Carr (1981, p. 149-153). Carr não chega a citar qual o destino de Rykov, mas menciona que os três dissidentes tiveram que assinar uma retratação em novembro de 1929. Após isso, Bukharin foi afastado do Politburo, e Rykov e Tomsy advertidos e censurados para que não cometessem os mesmos erros novamente. Junto a isso, uma reunião do Politburo em abril de 1929 confirmou a resolução de 9 de fevereiro e afastou Bukharin de qualquer encargo no *Pravda* e no *Comintern*, assim como Tomsy do conselho sindical central. Em uma reunião do *Comintern* em julho de 1929, foi aprovada uma resolução que impediu a participação de Bukharin na Internacional e em quaisquer de seus órgãos.

¹⁵ Evgeni Alekseiévitch Preobrazhensky (1886-1937). Ivar Tenisovich Smilga (1892-1938). Karl Bergardovitch Radek (1885-1939).

soviético não era um capitalismo de Estado, mas não havia sequer alcançado o chamado “estágio inferior do comunismo”, e sim se localizava em uma etapa de transição entre os dois sistemas. (Trotsky, 1980) Seu futuro, portanto, era incerto, e dependia fundamentalmente de dois fatores para Trotsky: a vitória da camada dirigente, com seus privilégios e regalias e sua administração burocrática, ou uma revolução política das massas que varresse a burocracia “termidoriana” e restaurasse a autogestão e a democracia operária com a revitalização dos soviets. Talvez o fim da URSS em 1991 e todos os eventos históricos que marcaram a história do comunismo mundial no pós-guerra e durante a Guerra Fria tenham comprovado que a reação termidoriana tenha vencido e restaurado o capitalismo na URSS, em todo o Leste Europeu, na Alemanha Oriental, entre outras ditas “experiências socialistas”.

Mais que uma simples hipótese de Trotsky extraída do estudo da situação política e econômica da URSS, as possibilidades de restauração do capitalismo por conta dos dirigentes soviéticos eram uma ameaça potencial. A direção do partido, cada vez mais fundida ao aparato estatal, se desvinculava das massas trabalhadoras e camponesas para liderar a administração pública de forma autoritária e ditatorial, distante do controle das massas – pelo contrário, criou-se um forte controle sobre as massas. Trotsky vê nisso uma necessidade de a burocracia soviética manter seu poder e seus privilégios, que marcavam um contraste social muito significativo em relação às condições de consumo dos trabalhadores e camponeses no acesso ao transporte, à moradia, à alimentação, a bens de consumo etc. Por mais que as condições de consumo, para Trotsky, não tivessem piorado, não deixaram de segmentar os consumidores em grupos distintos, de acordo com o acesso à riqueza social. Uma menção é feita à arquitetura:

Qualquer regime se exprime na sua arquitetura e nos seus monumentos. A época soviética atual é caracterizada por palácios e casas dos soviets, construídas e grande número, verdadeiros templos da burocracia (custando por vezes dezenas de milhões), por teatros dispendiosamente construídos, por casas do exército vermelho, clubes militares principalmente reservados aos oficiais, por um metrô luxuoso para uso dos que podem pagá-lo. Enquanto, por outro lado, a construção de habitações operárias, mesmo do tipo de casernas, encontra-se invariavelmente e terrivelmente atrasada. (Trotsky, 1980, p. 83)

A perspectiva da “revolução traída” também é resgatada pela historiadora Sheila Fitzpatrick, que dedica um estudo das narrativas sobre as consequências da Revolução de Outubro durante o regime de Stalin e conclui que a revolução já havia sido encerrada, mesmo com a negação desse encerramento nos discursos e propagandas oficiais. Como comenta a autora, Stalin conseguiu enterrar a revolução declarando vitória. (Fitzpatrick, 2017) Entre essas narrativas, destacam-se duas: uma oficial, que afirmava a conclusão da revolução com os Planos Quinquenais, a Revolução Cultural, entre outros aspectos; e outra de oposição, para a qual a revolução não foi continuada, mas traída. A primeira perspectiva fundamenta-se nas conquistas logradas pelo “socialismo”, como o abastecimento estatal de grãos a preços baixos e não negociáveis, na coletivização das terras¹⁶, na rápida industrialização, entre outros aspectos; a segunda

¹⁶ “A partir de então, o ritmo acelerou-se de modo frenético: 1º de dezembro de 1929: 13,2%; 1º de janeiro de 1930: 20,1% [...] 1º de março: 58,6%. Em cerca de cinco meses, do início de outubro de 1929 ao fim de fevereiro de 1930, quase 60% dos *mujiks* foram coletivizados em *kolkhozes* (cooperativas) e *sovkhazes* (fazendas estatais)”. (Reis, 2003, p. 88)

destaca as contradições desse processo, como as profundas desigualdades sociais daí decorrentes, a escassez de alimentos em 1932-3, as perseguições políticas do regime, o caráter forçado das coletivizações etc. O Segundo Plano Quinquenal, por exemplo, buscou aprimorar a qualificação e aumentar a produtividade. Como resultado dessas medidas, gerou-se uma forte desigualdade na remuneração, de acordo com a qualificação, além de fornecer bônus acima da média por produção. Os salários dos especialistas aumentaram, cada vez mais distante da remuneração dos operários, a exemplo do que ocorreu com o Movimento Stakhanovista. (Fitzpatrick, 2017) A Revolução Cultural promoveu um aburguesamento dos costumes, acessíveis a uma pequena minoria privilegiada que administrava a política e a economia. A respeito dessa profunda diferenciação social, comenta a autora:

A elite – que incluía profissionais liberais e funcionários da burocracia (comunistas ou de fora do partido) e autoridades comunistas – era apartada das massas da população não somente pelos salários elevados mas também por acesso privilegiado a serviços e bens, além de uma variedade de gratificações materiais e honoríficas. Membros da elite podiam usar lojas não abertas ao público em geral, comprar mercadorias não acessíveis a outros consumidores e tirar férias em resorts especiais e em datchas bem equipadas. Costumavam morar em condomínios de apartamentos e trabalhavam de carro com motorista. (Fitzpatrick, 2017, p. 264)

3. Política externa e a revolução mundial

Avaliando o *Projeto de Programa* de Stalin e Bukhárin, redigido para o VI Congresso da Internacional Comunista, como aporte de toda a experiência e todos os problemas práticos e teóricos da revolução proletária, Trotsky endereça uma carta ao VI Congresso na qual rejeita o programa em razão de sua inconsistência, “inteiramente penetrado pelo ecletismo na base de seus princípios, carente de sistema, descuidado em sua exposição”. (Trotsky, 2020, p. 33) A carta foi redigida no dia 12 de julho de 1928 durante seu exílio em Alma-Ata. Àquele tempo, desde o V Congresso, havia se passado quatro anos sem novos encontros, senão congressos e conferências burocráticos. Na falta deles, na visão de Trotsky, o partido perde qualidade e a revolução proletária é afetada. Em verdade, eles foram vistos pela direção como entraves, barreiras, um fardo, pois, diz Trotsky, havia se tornado comum justificar que existia um demasiado trabalho “prático”. Os preparativos para o VI Congresso que viria a ser realizado anteciparam uma série de acontecimentos que culminaram também na degeneração da Internacional Comunista e no abandono da revolução mundial.

Com uma revolução proletária caminhando a passos largos e tendo que resistir a vários obstáculos no elo mais fraco do capitalismo mundial, os bolcheviques, como Lenin e Trotsky, aguardavam a explosão internacional da revolução para que a URSS não ficasse isolada internacionalmente e ficasse mais fragilizada perante os canhões dos países imperialistas e da reação burguesa internacional. Não faltaram momentos que poderiam provocar profundas mudanças na correlação internacional de forças e construir uma sociedade socialista mundial sob os escombros da sociedade capitalista, tanto no Ocidente quanto no Oriente. O movimento operário internacional, na década de 1920, desencadeou fortes manifestações e greves em múltiplas nações: Estônia, Bul-

gária, Inglaterra, Alemanha, China, entre outras. Dois momentos, no entanto, se destacam pela profunda moralização dos trabalhadores do mundo e da União Soviética com probabilidades altas de vitória: a Alemanha em 1923 e a China em 1927.

A Alemanha em 1923 estava arruinada e a situação desfavorável de crise, inflação, desemprego, miséria e fome fazia borbulhar um impetuoso levante do movimento operário. A situação do antigo Segundo Reich, cujo desenvolvimento econômico e sua projeção internacional intempestiva sem precedentes preocupavam as demais potências imperialistas como a Inglaterra e a França, caía em desgraça profunda desde os termos de paz do Tratado de Versalhes:

Os termos de paz, embora não mais severos do que aqueles que a Alemanha planejava impor aos outros países em caso de vitória, causaram amargo ressentimento em quase todos os alemães. Incluíram a exigência de vultosas reparações financeiras pelos danos causados pela ocupação alemã da Bélgica e do norte da França, a destruição das forças naval e aérea alemãs, a restrição do Exército alemão a cem mil homens, a proibição de armas modernas como tanques e a perda de território para a França e sobretudo para a Polônia. (Evans, 2011, p. 20)

A partir disso, a economia alemã entrou em profunda crise no decorrer de uma forte escalada inflacionária. O dólar, que em 1913 valia quatro marcos de papel-moeda, valia sete mil em dezembro de 1922. (Evans, 2011, p. 21) Nesse cenário de catástrofe durante a República de Weimar, erigida sobre a revolução alemã derrotada em 1918, houve divisão entre grupos radicais: de um lado, comunistas; de outro, os crescentes grupos de extrema-direita nazifascistas. Havia ainda a social-democracia, cujo papel revolucionário fora abandonado desde que votou pelos créditos de guerra em 1914¹⁷ e afogou em sangue o partido de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em 1918. Contudo, os pequenos grupos de oposição de 1918-1919, até então divididos e sem coesão, fundiram-se para criar um partido comunista que, no início de 1923, contava com mais de 200 mil membros, o *Kommunistische Partei Deutschlands* (KPD) que, nos dizeres de LaPorte, Morgan e Worley (2008), viria a se converter, de um partido forte e influente, a um agente da política externa soviética dez anos depois. A desigualdade econômica evidente e cada vez mais acentuada entre os camponeses e trabalhadores, de um lado, e os detentores dos capitais investidos em maquinário ou em divisas estrangeiras, com seus lucros fabulosos, gerou uma escalada rebelde. Os motins, as brigas e as manifestações tomavam as ruas. Os trabalhadores se preparavam para a revolução por meio das “centúrias proletárias”; no entanto, no dia 21 de outubro, com orientações diretas do Kremlin, os comunistas renunciavam à insurreição e à revolução, bastante possível e que animava o espírito dos revoltados, havia sido derrotada.

Já entre 1925 e 1927, um novo foco das tensões de classes – entrelaçada com elementos de luta anticolonial – produzia-se na China, e as massas soviéticas encontravam um novo afluxo de esperança. Todos os olhos voltavam-se, nesse momento, ao Oriente, e a oposição de esquerda se revitalizou. A tática da “frente única” – união dos

¹⁷ Ver sobre em Luxemburgo (1974, p. 25-41). De acordo com Rosa Luxemburgo, a social-democracia seguiu uma linha incorreta de defender a nação alemã em uma guerra que não interessava aos trabalhadores, senão como um matadouro indiscriminado, ao invés de mobilizar o conjunto dos trabalhadores contra a guerra, apostando na sua organização nacional e internacional para frear o morticínio.

comunistas com outros partidos de esquerda, ou grupos de países capitalistas por objetivos em comum – não deixava de aparecer de forma destacada nas diretivas do Komintern. No entanto, em 1927, a “frente única” na China foi substituída por uma coalizão entre os comunistas e os nacionalistas do Kuomintang, além da comissão sindical anglo-russa. (Carr, 1981) Em dezembro do mesmo ano, o núcleo do Partido Comunista Chinês, impotente e fragmentado, tentou um golpe militar em Cantão, mas foi fracassado, levando a um entre os vários massacres de comunistas e seus partidários. A derrota dos comunistas na China permitiu a ampliação da autoridade do governo nacionalista de Chiang Kai-shek de Nanquim à maior parte da China. Trotsky via nessas derrotas do proletariado mundial o motivo principal do isolamento internacional da URSS. (Trotsky, 1980, p. 133)

Na mesma carta endereçada ao VI Congresso da Internacional Comunista, Trotsky explica que as derrotas nas revoluções internacionais deram luz à teoria do socialismo em um só país, um erro grotesco criado entre os dirigentes do PCUS, como Stálin e Bukharin, segundo o qual o socialismo poderia andar com as próprias pernas, de modo isolado e desconectado da economia mundial. A partir dessa premissa, o *Projeto de Programa*, segundo Trotsky, conclui erroneamente que exista possibilidade de que, inicialmente, o socialismo desenvolva-se em alguns poucos países, ou mesmo que seja vitorioso em uma só nação. Trotsky, pelo critério internacionalista da revolução proletária, se opõe a essa conclusão, reafirmando a impossibilidade da concretização do socialismo em um só país, simplesmente pelo fato de que o desenvolvimento histórico não ocorre por saltos, mas dialeticamente e compreendido em um complexo sistema de relações e trocas que une os diversos países. (Trotsky, 2020) A esse respeito, salienta Rodrigues (2006):

A partir de sua aceitação, a nova burocracia em formação na URSS se jogará por décadas em uma longa empreitada de construção quase autárquica da formação soviética, desprezando ou desestimulando a possibilidade de novas revoluções no Ocidente, colocando os interesses e a estabilidade da nova camada dirigente do Estado soviético já burocratizado acima dos interesses dos movimentos sociais no restante do mundo. (Rodrigues, 2006, p. 40)

A política externa soviética é conduzida por esse giro à direita que aposta no desenvolvimento isolado e estritamente nacional do socialismo. Ao se apropriar da direção da Internacional, o PCUS consegue garantir sua projeção externa iniciando um processo de “stalinização” dos partidos comunistas por todo o mundo, subordinando o programa destes às orientações de Moscou. Em *História da Internacional Comunista*, Pierre Broué explica, a partir de vários exemplos, como a direção stalinista usou o aparato da IC para promover expurgos e impor novos dirigentes alinhados às suas orientações, o que foi facilitado pelo fato de a maioria dos PCs ser clandestina e depender financeira e logisticamente da Internacional. No caso alemão, por exemplo, um acordo selado entre o KPD e Zinoviev, presidente da IC¹⁸, por pressões constantes de Moscou, conseguiu afastar a ala esquerda do partido, representada por Arkadi Maslow (1891-1941) e Ruth Fisher (1895-1961) e colocar Ernst Thälmann na direção.

Outro ponto que fecunda uma orientação distanciada do desenvolvimento mundial da revolução e sustenta a “teoria do socialismo em um só país” é a integração

¹⁸ Antes de Zinoviev se aliar a Trotsky na Oposição Unificada e, posteriormente, ser removido da presidência da IC.

e adaptação da URSS ao sistema internacional de Estados, não como estado operário independente, mas como um Estado-Nação, para não manter a URSS alheia aos negócios globais. Trotsky elenca uma série de acordos internacionais que o governo revolucionário firmou com países capitalistas, por exemplo: tratado de Brest-Litovsky (1918); tratado com a Estônia (1920); tratado de Riga, com a Polônia (1920), entre outros vistos como tratados estratégicos – e necessários – entre o “governo dos Sovietes” e o mundo capitalista, acordos que “não deviam, em caso algum, travar ou enfraquecer a ação do proletariado dos países capitalistas interessados, não podendo a integridade do estado operário ser assegurada senão pelo desenvolvimento da revolução mundial”. (Trotsky, 1980, p. 131) O ingresso da URSS na Liga das Nações tinha outro significado, ainda mais arriscado e menos estratégico do ponto de vista de defender a revolução, pois Lenin e Trotsky viam os países que formavam a Liga das Nações não como “amigos da paz”, mas sim como o fortalecimento da resistência dos exploradores à pressão crescente do proletariado em cada país. Com esse tipo de aliança internacional, o isolamento mundial da União Soviética e a derrota do proletariado mundial em outros palcos de tensões, Trotsky previa que uma agressão combinada entre os países capitalistas era uma ameaça iminente para a continuidade do governo soviético. Não é de se surpreender, portanto, que Stalin, em uma entrevista a Roy Howard em março de 1936 – trechos da entrevista foram inseridos por Trotsky em sua obra – tenha afirmado que a revolução mundial era um equívoco “cômico”, ou melhor, “trágico-cômico”, e que a exportação mundial da revolução era uma mentira. (Stalin, 2008)

Considerações finais

O artigo ateu-se à análise das mudanças de rota em relação à revolução proletária promovidas pela burocracia do Partido Comunista após a morte de Lenin e com a ascensão de Stalin, partindo, sobretudo, da obra *A revolução traída* de Leon Trotsky, um dos mais destacados líderes bolcheviques e criador e chefe do Exército Vermelho durante a Guerra Civil Russa. Essa obra pode ser considerada como o estudo mais aprofundado e sintético de Trotsky do processo de degeneração do Estado soviético, do partido bolchevique e da Revolução de Outubro conduzido pela direção stalinista. O texto que aqui chega próximo de seu encerramento não propôs novos olhares, métodos, fontes e pontos de partida para analisar aqueles processos históricos, mas busca contribuir com os estudos já feitos e resgatar a visão de um importante líder revolucionário sobre o assunto em questão, em uma época em que os debates públicos sobre marxismo, trotskismo e stalinismo reaparecem com bastante força nas demais esferas públicas. Vale lembrar que a obra de Trotsky pode ser encarada sob vários ângulos: fonte primária, estudo com enormes contribuições à caracterização e análise do regime soviético de Stalin e também uma posição política em defesa do marxismo revolucionário contra as degenerações burocráticas.

Referências

- BROUÉ, Pierre. *Comunistas contra Stalin: massacre de una generación*. Málaga: Sepha, 2007.
- BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. São Paulo: Editora Sundermann, 2014.
- CARR, E. H. *A revolução russa de Lenin a Stalin*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.
- DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky, el profeta desarmado (1921-1929)*. Cidade do México: Ediciones ERA, 1968.
- EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- FITZPATRICK, Sheila. *A revolução russa*. São Paulo: Todavia, 2017.
- MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2015. Edição Kindle.
- MARX, Karl. “Primeiro projecto de resposta à carta de Vera Zassúlitch”. *Marxists Internet Archive*, 2011. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1881/03/vera.htm>>. Acesso em: 20/08/2024.
- LAPORTE, Norman; MORGAN, Kevin; WORLEY, Matthew (orgs.). *Bolshevism, Stalinism and the Comintern: perspectives on Stalinization, 1917-53*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- LENIN, Vladímir Ilitch. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LEWIN, Moshe. “Se Lenine tivesse vivido...”. In: LEWIN, Moshe. *O último combate de Lenine*. Lisboa: Edições Dinossauro, 2021, p. 99-107.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A crise da social democracia*. Lisboa: Presença, 1974, p. 25-41.
- POTCHEKOLDIN, Aleksandr. “O novo curso: prólogo da tragédia”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 65-72.
- REIS FILHO, Daniel A. *A revolução que mudou o mundo: Rússia, 1917*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- REIS FILHO, Daniel A. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. *Partidos e sindicatos: escritos de sociologia política* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ROMÃO, Morgana Maura; MONTEIRO, Marcio Laura. “O Stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky”. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 13, n. 38, jun-set, 2020, p. 168-187.
- STALIN, Joseph. “Interview Between J. Stalin and Roy Howard”. *Marxists Internet Archive*, 2008. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1936/03/01.htm>>. Acesso em: 01/07/2023.
- TOUISSANT, Eric. *Lenin y Trotsky frente a la burocracia y a Stalin*, 2017. Disponível em: <<https://vientosur.info/Lenin-y-trotsky-frente-a-la-burocracia-y-a-stalin/>>. Acesso em: 03/04/2023.
- TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. São Paulo: Global Editora, 1980.
- TROTSKY, Leon. *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Sundermann, 2010.

TROTSKY, Leon. *Stálin, o grande organizador de derrotas: a Internacional Comunista depois de Lenin*. São Paulo: Editora Iskra, 2020.

Recebido em 24 setembro de 2025

Aprovado em 07 de novembro de 2025